

Masculinidades reveladas: o que podemos aprender com narrativas de um documentário?

Masculinities revealed: what we can learn from documentary narratives?

Jairo Barduni Filho¹
Raquel Aparecida Pereira Barbosa²
Crislaine Bergamaschine Pereira³
Renata Nazaré Cardoso⁴

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica com o intuito de abordar as questões da masculinidade, as demandas e desafios do homem em seu meio social, especialmente na sua relação com o autocuidado, a violência, e a paternidade que estão presentes no documentário: O silêncio dos homens, que é uma iniciativa do grupo que discute masculinidades: Papo de Homem com o intuito de explorar como a sociedade impõe estereótipos que os homens devem seguir. Buscamos assim analisar o discurso pedagógico do recurso audiovisual que provoca pensarmos sobre essa construção das masculinidades, também nos interessou saber como a produção de um recurso que discute masculinidades poderia ser utilizado como um recurso pedagógico em espaços escolares e não escolares. Enquanto referências, nos apoiamos em autores do campo dos estudos de masculinidades como: Bola (2020); Jablonka (2021); Barduni Filho (2018); Foucault (2010).

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades; Documentário; Grupos de Apoio; Recurso Pedagógico

¹ Doutor em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Barbacena-MG. E-mail: jairo.filho@uemg.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1050-5825>

² Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Barbacena-MG E-mail: Raquel.241077058@discente.uemg.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-6092-7787>

³ Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Barbacena-MG E-mail: crislaine.241074238@discente.uemg.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-9995-062>

⁴ Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Barbacena-MG E-mail: renatanazarecardoso@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-7408-0498>

ABSTRACT:

This project has the means of presenting a qualitative bibliographic review to approach masculinity issues, the demands and challenges men face in social environments, especially their relationship with self-care, violence, and paternity which are all present in the documentary: “*the silence of men*”, which is an initiative of the group that discusses masculinities: “men’s talk” to explore how society imposes stereotypes that men should follow. We thus seek to analyze the movie’s pedagogical discourse that makes us think about the construction of those masculinities. It is also interesting to know how the production of an audiovisual resource that discusses masculinities could be used as a pedagogical resource in school spaces and non-school spaces. As references, we rely on authors from the fields of masculinity studies such as Bola (2020); Jablonka (2021); Barduni Filho (2018); and Foucault (2010).

KEYWORDS: Masculinities; Documentary; Support Groups; Pedagogical Resource

1 Introdução

O silêncio dos homens é um documentário brasileiro desenvolvido pela iniciativa do grupo que discute masculinidades: Papo de Homem, o documentário de 2016 apresenta relatos sobre dores, mudanças e processos de resignificação pelos quais os homens passam. De acordo com o editor chefe do Papo de Homem, Nascimento Valadares (2019): “O silêncio observado entre os homens não é uma grande conspiração masculina, é como fomos criados. A maioria dos homens foi treinado para sufocar o que sente, aguentar o tranco e peitar a vida, como “machos”. Assim, o recurso audiovisual nos oferece várias possibilidades de reflexão com narrativas discursivas através de testemunhos, diálogos potentes de homens e também de especialistas nos estudos das masculinidades como educadores, psicólogos entre outros. Além disso, o documentário apresenta excelentes propostas, grupos, projetos e metodologias que tem desempenhado um papel fundamental na proposta de repensar a masculinidade dominante.

Com alcance de dois milhões de visualizações na plataforma *Youtube*, é possível dizer que o documentário alcançou um público considerável, mostrando a sua importância e legitimidade enquanto um recurso audiovisual necessário para que o público possa conhecer e entender como é construída a masculinidade dominante. Desse modo, tal recurso é endereçado não apenas aos homens, mas, a toda sociedade que está ciente dos efeitos do patriarcalismo e sua binaridade de gênero. O documentário alcançou mais de 106 mil curtidas e, no perfil da plataforma é apresentado um texto dizendo como o material foi feito, tratando-se de parte de um projeto que ouviu mais de 40 mil pessoas a respeito das questões sobre a masculinidade. Dessa forma, o material se torna um dispositivo pedagógico rico para análise.

Nossa análise se encontra no campo das visualidades, no campo das narrativas, dos discursos do documentário, nos modos de endereçamento a que o documentário se dispõe, e, claro, no campo das experiências, afinal, que experiência o documentário nos traz enquanto um conjunto de signos, imagens, falas e questionamentos? Que campos de saberes o recurso movimenta e nos movimenta para pensarmos as masculinidades, suas construções, seus desafios, seus dilemas?

Essas narrativas mergulham nas questões da masculinidade e nos desafios que os homens enfrentam na sociedade, abordando como os estereótipos de gênero e os padrões impostos no meio social podem afetar emocionante os homens, e, como o patriarcado pode

dificultar a tomada de consciência, uma vez que se trata de um sistema introjetado e em repouso no corpo e na mente dos homens. Eis o motivo de muitos homens falarem pouco de suas intimidades, de suas necessidades e sentimentos, eles preferem se calar do que parecer “fraco” diante de um mundo machista, onde os homens foram criados para se mostrar sempre fortes.

O realismo do recurso audiovisual com excelentes narrativas tem o intuito de nos fazer refletir sobre como mudar esses estereótipos criados, mostrando os impactos da invisibilidade emocional, e as possibilidades de transformar, rumo a uma sociedade mais empática, mais igualitária e de uma masculinidade de não dominação, como diz Jablonka (2021, p.276): “Não é contra os homens, mas contra o masculino que uma política feminista deve erguer. E os próprios homens podem lutar contra os monstros gerados por seu gênero”. É importante que todos estejam abertos ao diálogo, a mudança e reflexão, para assim construir uma relação mais respeitosa entre os diferentes gêneros, contribuindo para um ambiente mais acolhedor, onde os homens podem expressar seus sentimentos sem parecer estar com “a masculinidade frágil”, como muitos pensam, juntos é possível superar esses rótulos impostos pela sociedade.

2 Metodologia

O presente artigo abordou uma pesquisa de caráter qualitativa que apresenta vantagens descritas por Yin (2016, p.5) da seguinte forma: “o fascínio da pesquisa qualitativa é que ela permite a realização de estudos aprofundados sobre uma ampla variedade de tópicos”. Assim, nosso objeto de pesquisa foi o analisar o documentário: O silêncio dos homens, ou seja, foi o nosso objeto de análise com base em referências dos estudos das masculinidades como: Jablonka (2021); Bola (2020); Barduni Filho (2018) e Foucault (2010) com suas contribuições sobre relações de poder e sexualidade. Os autores fundamentaram este estudo através do modelo qualitativo, identificando os elementos a serem observados para um maior aprofundamento do assunto. Importante lembrar que, uma das características da pesquisa qualitativa é capturar as perspectivas das pessoas sobre um determinado assunto, ou seja, trazer os significados, as interpretações.

Ao adotarmos uma abordagem interpretativa, buscamos não apenas identificar padrões e elementos presentes nas narrativas, mas também compreender brevemente as nuances e

significados atribuídos pelos personagens. Dessa forma, o intuito foi oferecer uma análise baseada nas palavras descritoras: autocuidado, violência, paternidade, família, profissão, que são mais do que palavras, são conceitos, ideias, valores, lemas que permeiam o universo da construção das masculinidades.

Ao mesmo tempo, foi realizado um estudo com análise bibliográfica sobre o tema, possibilitando captar informações importantes para compreender o tema abordado. Para Fonseca e De Moraes (2017, p. 32) “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos.” Por essa razão, a abordagem qualitativa e referencial é cabível na pesquisa desenvolvida, sendo crucial para que os pesquisadores aprimorem o entendimento sobre o assunto.

3 Um documentário enquanto instrumento pedagógico para repensar a masculinidade dominante

Trabalhar com filmes e documentários é uma forma de analisar possíveis efeitos críticos que essas artes podem ter sobre o público, e, entender inclusive qual é esse público, a quem cada tipo de filme, documentário, enfim, produção midiática está endereçada. Assim, trazer as narrativas presentes em uma produção direcionada a um público específico, é buscar compreender a importância e sentido desse instrumento pedagógico. O instrumento cinematográfico pode desempenhar um papel positivo nas relações de poder existentes na sociedade. Logo, um documentário que apresenta falas masculinas trazendo as dores, emoções, limites e dificuldades enfrentadas na construção das masculinidades pode ser um instrumento de resistência e luta para que os homens se tornem pessoas mais sensíveis, mais humanas, mais cuidadoras de si mesmos e de seus filhos e companheiros(as).

Deste modo, elencamos a seguir alguns trechos/narrativas que nos ajudam a pensar nas batalhas que os homens travam consigo mesmo buscando combater as hierarquias patriarcais que estão presentes no cotidiano dos homens e, mais que isso, que falar de sentimentos, emoções, dificuldades, medos também devem fazer parte da cartilha dos homens na busca pela cura da masculinidade dominante, patriarcal. O documentário: O Silêncio dos homens começa com a seguinte frase: “É preciso coragem para abrir nosso coração aos outros e expor

nossa vulnerabilidade. Podemos parar de nos esconder e de temer que alguém possa ver quem realmente somos, porque estaremos escolhendo ser vistos”.

A frase nos faz pensar que o recurso analisado colabora para a reflexão sobre o poder do patriarcado. Foucault (2010, p.103) entende o poder como: “O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares”. Assim, como aponta Bola (2020, p.16): “O patriarcado é uma trama que se estende pela família, pelo sistema educacional e pela mídia de massa”. A fala, e o documentário como um todo, nos faz pensar nas novas masculinidades, mas, para que isso ocorra, para que os homens realmente possam se engajar em pautas que combatam as injustiças, a dominação de gênero é preciso que alguns questionamentos sejam feitos. Jablonska (2021, p.18) diz que:

Todos precisam se interrogar sobre a masculinidade em geral e sobre a sua em particular. Existem situações que eu tiro proveito da minha condição de homem, mesmo sem querer, mesmo sem saber? O masculino se define pela força, pela agressividade, pelo culto ao poder e ao dinheiro, pelo rebaixamento dos outros? Por que os homens que desprezam as mulheres também desprezam certos homens, considerados degenerados ou traidores do próprio sexo?

Assim, o documentário apresenta os comportamentos masculinos na sociedade e os aspectos psicológicos que dominam seus sentimentos. Em comentários, os homens se identificaram e se emocionaram ao ver que não estão só, e que é possível sim, expor seu sentimento sem se sentir menos homem. Em um dos instantes do vídeo, na escola, a professora realiza dinâmicas para que os meninos entendam que não é somente as mulheres que precisam de ajuda, com uma fala de um dos alunos, eles tiveram a certeza que “ser homem não é só gostar de mulher e ter um órgão masculino, mas vai além disso”. A frase corresponde ao que Jablonska (2021, p.13) aponta como sendo uma urgência em definirmos essa nova agenda das masculinidades, afinal, fica o questionamento: “Como ser um “cara legal”? A resposta, segundo o autor é: Hoje em dia, precisamos de homens igualitários, hostis ao patriarcado, que valorizem o respeito mais que o poder. Apenas homens, mas homens justos”.

Logo, os homens interessados nessa mudança, nessa evolução, têm buscado criar movimentos que envolvem conversas em grupos que discutem masculinidades, e, sabemos que já são muitos grupos espalhados pelo país, a rede tem crescido, nesses grupos os homens têm a oportunidade de conversar o que nunca tiveram a oportunidade conversar em casa,

principalmente por vergonha, por medo entre outros sentimentos que inibem o homem de demonstrar seus sentimentos. Bola (2020, p.167) diz que:

Os homens precisam de amor. Os homens precisam de amor de outros homens, e não apenas das mulheres ou de suas parceiras ou parceiros. Os homens precisam de amor íntimo e não sexual, um amor que vá além das expectativas colocadas sobre a masculinidade, essa masculinidade que muitas vezes impõe aos indivíduos um sentimento de que eles só poderão ter um lugar no mundo quando forem capazes de realizar o que é esperado deles enquanto homens.

Dessa forma, os grupos de apoio para homens são importantes aliados no processo de se conhecer, de se expor o outro e a si mesmo enquanto um homem que precisa de ser escutado, que possui suas vulnerabilidades e que está disposto ao novo.

Os relatos apresentados não são poucos, muitos estão relacionados ao que é ser homem como, por exemplo, em brigar, bater nos irmãos por ordem do pai deixando de lado sentimentos de afeto e carinho, uma vez que não foram ensinados a abraçar e beijar seus pais. Esse papel de gênero representado como uma performance masculina acaba sendo passada de geração em geração. Como aponta Bola (2020, p.36): “a masculinidade é uma performance, ou seja, ela é representada de uma maneira que reforça a visão do que é amplamente considerado normal para os que nasceram homens”. Por certo, também é importante dizer que cada vez mais o modelo da virilidade, enquanto um sistema social secular, tem andado na corda bamba diante da necessidade de uma reinvenção da masculinidade. Na compreensão de Jablonka (2021, p.271):

A crise da masculinidade precisa ser analisada com lucidez. O mal-estar dos homens tem várias origens: inculcação das masculinidades de dominação, alienantes por natureza; declínio dos valores viris, devido às guerras e às recessões; sucesso das mulheres na universidade e no mundo do trabalho; ecologização das sociedades; avanço do feminismo.

Dessa forma, é nítido que muitos homens querem fazer direito, querem ser homens melhores, e, mesmo com dúvidas e errando o movimento, Jablonka (2021) é preciso em dizer que, na maioria das vezes, o desafio, ou, o que geralmente leva ao erro dessa mudança de comportamento - atitude é justamente a dificuldade de identificar a situação pessoal com a organização da sociedade, ou, em outras palavras, as consequências de atitudes e comportamentos arraigados ao patriarcado do cotidiano social. Mas, entendemos que a

mudança está em marcha, está a caminho, contudo, é bem notório que cabe aos homens buscar essa emancipação pessoal em relação a armadilha imposta pelo patriarcalismo.

Para além de ajudar em casa com afazeres domésticos e cuidados dos filhos, uma obrigação na divisão de tarefas domésticas, é necessário que os homens aprendam a denunciar o machismo e a violência de gênero, mesmo que isso implique em ir contra os pares, os mesmos homens que ensinaram a cartilha da virilidade. Para Bola (2020, p.46): “desde muito cedo exercitamos a violência como uma maneira de socializar e de entrar no universo dos homens”. E continua:

Podemos inclusive entender a agressividade masculina como uma forma de hierarquia, uma maneira de testar quem é o mais forte do grupo sem precisarmos entrar em uma briga de verdade. É uma lógica que ajuda a estabelecer a ordenação social do grupo masculino, que volta e meia é delineada a partir de características físicas associadas à virilidade, como força, ao invés de gentileza ou de empatia (que são tipicamente associadas a feminilidade).

Ainda falando sobre construção de masculinidades, os homens são vistos globalmente como um homem viril, que tem que “tratar de coisas de homem” (o trabalho bruto...), além disso, são considerados como machistas, agressivos, abusivos e entre outros termos que foram ganhados ao longo dos séculos. Ademais, quando se ouve a frase “homem não chora”, as emoções são inibidas, cria-se um silenciamento aguçando a agressão já que é na virilidade que se vive o potencial comportamento da violência.

E, por falar em cuidados com os filhos, um dos entrevistados diz “Homem se cuida menos e pra se cuidar menos é muito difícil cuidar de alguém” e, em seguida são apresentados dados que mostram como os filhos são ensinados a serem “homens de verdade”, negando os sentimentos, dando em cima de meninas sempre que tiverem oportunidade entre outros ensinamentos que nos leva a refletir: “Por que pais e filhos têm tanto dificuldade em conversar sobre as pressões que enfrentam como homens?”. Eis a importância de cursos voltados para casais, em que o homem se prepare para a paternidade. Na verdade, ninguém está preparado para a paternidade e, tampouco para a maternidade, são posições que se aprende a ser, porém, para os homens, tal aprendizado se torna algo cada vez mais distante, uma vez que a masculinidade dominante regida pelo patriarcado não é a masculinidade do afeto, do cuidado, do embalo embora isso esteja mudando aos poucos, a responsabilização

paternal tem cada vez ganhado mais destaque em debates midiáticos, nas redes sociais. E sim, é preciso minimizar esse custo materno para as mulheres. Para Jablonka (2021, p.32):

O confisco pelos homens da fecundidade das mulheres, chave da reprodução da espécie, explica a associação tão frequente entre dois universais, a união conjugal estável e a valência diferencial dos sexos. A especialização materna das mulheres torna os homens disponíveis para outras tarefas, início de uma divisão sexual do trabalho: aos homens a produção, às mulheres a reprodução.

Um dos traços principais que relaciona sexo e poder para Foucault (2010) é a instância da regra, ou seja, o poder na sociedade é lei e a lei é o patriarcalismo, a regra socialmente diz que o sexo fica reduzido ao sistema binário em lícito ou ilícito, permitido ou proibido, então, historicamente a lei da binaridade condicionou a mulher aos papéis domésticos, do cuidado, ao doméstico e ao homem ao trabalho, ao público a ser provedor. Essa linha de estereótipos contida no jargão “Homens de verdade” é questionada por um dos entrevistados que diz “Quebrar o silêncio a respeito de sua própria fraqueza e vulnerabilidade é uma forma de humanizar”, mas na realidade, é difícil ver um companheiro ou amigo se abrir, e muitas vezes, as mulheres também não dão abertura para isso, até mesmo os próprios amigos destes que quando vão falar sobre o que sente ou se chora, ganha um apelido de “boy” ou “bicha”, discriminando o grupo social LGBTQIAPN+. Até no momento do desabafo o homem corre o risco de ser julgado e inferiorizado, não é à toa que, apenas 3 em cada 10 homens tem o hábito de conversar sobre medos, dúvidas, e outros (...), como aponta dados presentes no documentário.

Vale destacar que reprimir as emoções pode ter diversas consequências negativas para a saúde mental do homem, por isso, é importante que os homens procurem formas de lidar com as emoções para uma melhor qualidade de vida física e mental e, principalmente, para que possa contribuir uma relação saudável com a família, outros homens, mulheres, pessoas em geral. Um dos entrevistados no documentário mostra seu medo de não ser suficiente, enfatizando a pressão que muitos sentem: “O maior medo que eu tenho é de não ser suficiente”. Ora, o que seria ser suficiente? Ser capaz de prover a família? sabemos que nem todos os homens conseguem sozinhos assumir tais responsabilidades que requer uma conjuntura financeira e material favorável, logo, é preciso relativizar o ser autossuficiente. Como afirma Bola (2020, p.25): “esses estereótipos funcionam para reforçar noções limitadas

do que um homem pode e não pode ser: eles são usados em múltiplos contextos e podem exercer acentuada pressão sobre os homens”.

A busca pela segurança financeira muitas vezes leva os homens a reprimir suas emoções, é como se o ser bem sucedido financeiramente substitui-se a necessidade de ser afetuoso, carinhoso, sensível. A frase "homens não choram" perpetua a ideia de que expressar medo ou tristeza é sinal de fraqueza. No entanto, a verdadeira força está em reconhecer nossas fragilidades e buscar apoio quando necessário, como destacou o entrevistado Carlos Mendes. Um dos relatos mais tocantes veio do entrevistado Felipe dos Santos, um menino da favela, que afirmou: "Na favela, a gente aprende desde cedo que homem tem que ser durão, mas isso só faz a gente esconder o que realmente sente. Eu queria poder chorar sem medo de ser julgado". Bola (2020, p.8) relata que: Crescemos em bairros onde a menor troca de olhares pode iniciar uma violentíssima troca de socos, afinal de contas – o que é que você está olhando? Quão destruída uma pessoa precisa estar para se sentir agredida por um par de olhos.

O autocuidado é frequentemente negligenciado pelos homens uma vez que eles têm poucos exemplos masculinos de autocuidado, na maioria das vezes, são exemplos que remetem ao movimento de risco, de desleixo, de autossuficiência. A pressão para serem autossuficientes e invulneráveis pode resultar em problemas de saúde mental. É essencial que os homens se permitam cuidar de si mesmos, física e emocionalmente. Como afirmou o entrevistado Pedro Rocha, "cuidar de mim não me faz menos homem". Bola (2020) é assertivo em dizer que a ideia de que os homens se beneficiam de um modelo patriarcal é traiçoeira, não são poucas as notícias de sofrimento dos homens, os homens sofrem com a própria repressão que carregam como herança desse modelo patriarcal.

No ambiente de trabalho, os homens enfrentam expectativas de competência e assertividade. No entanto, essa busca incessante por sucesso pode levar ao isolamento e à exaustão. O entrevistado Ricardo Santos diz: “Reconhecer nossos limites e buscar equilíbrio entre vida profissional e pessoal é crucial para nossa saúde e bem-estar”. O autocuidado masculino ainda é visto com ressalvas por uma pedagogização construída que os leva ao afastamento desse sentir-se, desse cuidar-se, desse compreender-se. Diz Barduni Filho (2018, p.45): “Nessa estratégia de pedagogização masculina, ou seja, da ideologização de gênero, as

manifestações de carinho, ternura, paciência, afetividade são vistas como fragilidade masculina. Tais manifestações são vistas como alvo de suspeitas, sendo mal vistas”.

Assim, a expressão patriarcal estruturada em “homem de verdade” é frequentemente vista como força, coragem, ser melhor em determinadas funções, a sociedade cria estereótipos que muitas vezes deixa de lado a diversidade no mundo masculino. Por isso a necessidade de o tema ser abrangente, mostrando que tal enunciado pode ser visto como aquele que demonstra vulnerabilidade, seus sentimentos, deve-se ter empatia e respeito, promovendo um ambiente em que todos, independentemente do gênero, possa expressar suas emoções sem medo do julgamento, reconhecendo que a masculinidade vai além da força física e do papel que a sociedade impõe, abraçando uma inclusiva do que é ser homem na contemporaneidade. Bola (2020, p.14), nos diz que:

Não existe “homem de verdade”. Essa expressão, em sua própria estrutura é 100% baseada em ideias patriarcais que somente reforçam a expectativa sobre como os homens devem ser é agir. E, na maioria dos casos, o contexto no qual ela é usada muitas vezes não diz nada de positivo sobre a masculinidade ou sobre ser homem.

O autor expõe sobre um padrão que é imposto pela sociedade, mostrando como as expectativas sociais em torno dos homens podem ser prejudiciais, limitando o sexo masculino de expressar seus sentimentos e emoções, por medo de parecer fraco. Bola (2020) busca incentivar diálogos sobre vulnerabilidade, em uma forma de mudar a ideia que a sociedade tem do homem. É preciso olhar para a masculinidade de outra maneira, de uma forma mais inclusiva, libertadora, com mais empatia.

Em um mundo de constante mudança, é essencial abrir espaço para um diálogo que permita reconstruir o panorama criado sobre a masculinidade, especialmente no combate ao patriarcalismo, que, como afirma Bola (2020, p.16):

(...) o patriarcado é uma trama que se estende pela família, pelo sistema educacional e pela mídia de massa. Ele socializa os comportamentos, atitudes e ações dos homens, dizendo a eles como devem agir, se sentir e se comportar em todos os aspectos das suas vidas, especialmente em relação as mulheres, mas também em relação aos outros homens.

Assim, discutir a construção histórica do patriarcalismo como uma estrutura universal que encontra seu território no capitalismo, no poder, historicamente como diz Jablonka (2021,

p.51) o “o reino do homem se baseia numa trifuncionalidade (soberania político-religiosa, ofícios de guerra, produção agrícola)”. Este reino universal e suas ideias propagadas historicamente dificultam a ideia de que o homem não pode ser frágil, especialmente entre os homens. Um ponto que o documentário aborda é que desde a infância o trabalho de desconstrução desse mudar pode e deve acontecer, pois desde pequenos, muitos meninos são ensinados a serem fortes, a não mostrar vulnerabilidade, sendo ensinados a não expressar seus sentimentos, fazendo com que cresçam acostumados com a censura dos homens inclusive a sua própria, comportamento que, claro afeta sua vida e todos a sua volta.

O recurso mostra essa temática através de relatos, como: “eu só quero ser ouvido”, “o silêncio machuca mais do que palavras”. Esses trechos destacam a importância da escuta e do apoio que precisam, enfatizando a necessidade de abrir espaços para conversas em que expressar os sentimentos não é problema, que isso não os tornam menos homem.

Isso também chama a atenção para a importância da escuta, e, para combatermos a terra árida que por vezes assola os corações masculinos, que os coloca em um tempo da desesperança, motivo que os leva a depressão, ao isolamento, ao vício pela pornografia e ao suicídio, é preciso escutá-los. No documentário são apresentados dados referentes ao suicídio masculino. São dados sobre os males que os homens estão propensos apontados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como, por exemplo, as taxas de suicídio significativamente mais altas do que as mulheres em várias partes do mundo. Os dados quantitativos variam de acordo com a região e o período, mas, em geral, as estatísticas indicam que os homens são cerca de três a quatro vezes mais propensos a cometer suicídio do que as mulheres. Por exemplo, segundo a base de conhecimento apresentado no documentário, em 2019, a OMS relatou que a taxa global de suicídio foi de aproximadamente 10,5 por 100.000 habitantes, com a taxa para homens sendo cerca de 13,7 por 100.000 e para mulheres cerca de 4,0 por 100.000. Como aponta Bola (2020, p.49):

E é incontável o número de homens e meninos que se sentem assim, que acham que precisam sofrer sozinhos, sem ninguém para conversar, sem válvula de escape, sem saída. Alguns passam por isso e saem melhores, mas, para muitos, a repressão é inevitável, com consequências fatais. De fato, as estatísticas de homens que sofrem de várias questões de saúde mental são bastante chocantes, e deveriam ser motivo de preocupação internacional.

O documentário retrata também a pressão para que os homens sejam provedores e líderes da família, com a ideia de que para ser “homem de verdade” é preciso incorporar as às raízes impostas pelo meio social. Sobre isso, Bola (2020, p.25) diz o seguinte “Não existe “homem de verdade”. Essa expressão, em sua própria estrutura, é 100% baseada em ideias patriarcais que somente reforçam a expectativa sobre como os homens devem ser e agir”. Como disse um dos entrevistados no documentário: “ser pai é uma tarefa árdua, mas também é uma oportunidade de crescimento”.

Reconhecer a vulnerabilidade e compartilhar as responsabilidades familiares é fundamental para construir relações saudáveis. Porém, concordamos com Bola (2020) quando este ressalta que, é preciso levar em conta as precariedades sociais nas quais muitos homens vivem, assim, a expressão “Homens de Verdade” acaba sendo uma “panela de pressão” enquanto modelo de vida, *modus operandis* a que os homens buscam seguir e servir, e, tal modelo torna-se uma pressão pelo fato de que os homens não vivem todos de modo igual. Como aponta Barduni Filho (2018, p.46): “somos homens no plural, de possibilidades e recursos próprios para lidar com o velho modelo patriarcal”. Assim, os homens, no plural, não vivem uma realidade homogênea, existem diferentes contextos sociais, diferentes contextos geográficos que impõem desafios como: o desemprego, a violação de direitos, a complexidade da vida em periferia, enfim, a exclusão também faz parte da vida de homens que, por mais que se esforcem, por mais que corra atrás não conseguem sustentar, ser o “arrimo familiar”, logo, nem todos conseguem ostentar o ser “Homem de Verdade” exigido pelo constructo patriarcal.

4 O documentário e sua contribuição pedagógica para sala de aula

Um filme ou um documentário é sempre um modo de comunicação com alguém, com um interlocutor, seu potencial comunicativo pode e deve ser explorado tanto no espaço formal de educação quanto no espaço não formal. Ou seja, é um recurso audiovisual que pode servir para o processo de educação em seus múltiplos usos. Pensando em seu caráter intencional-escolar o documentário: O silêncio dos homens, pode ser pensado enquanto material complementar, trabalhado na relação objetivo-conteúdo-método envolvendo debates e discussões para construção do conhecimento científico e cultural sobre o modelo tradicional

do homem cultivado por séculos e, as possíveis reinvenções da masculinidade, uma discussão que interessa a garotos e garotas, homens e mulheres. Segundo Libâneo (1994, p.130):

A escolha dos conteúdos de ensino parte, pois, deste princípio básico: os conhecimentos e modos de ação surgem da prática social e histórica dos homens e vão sendo sistematizados e transformados em objetos de conhecimento; assimilados e reelaborados, são instrumentos de ação para atuação na prática social e histórica.

Assim, é um recurso pedagógico sobre masculinidades que pode ser pensado pelo professor enquanto material para uso em sala de aula, atrelado a conteúdos curriculares transversais ou não, uma vez que o material colabora para a compreensão dos estudos de gênero e masculinidades, e, pode se tornar um recurso didático e pedagógico utilizado com o objetivo de desenvolver conhecimentos sistematizados, habilidades e atitudes especialmente com os estudantes homens uma vez que se trata de uma produção de relevância social inestimável para a formação crítica dos estudantes. E, por ensino crítico, concordamos com Libâneo (1994, p.100) quando este diz: Ensinar significa possibilitar aos alunos, mediante a assimilação consciente de conteúdos escolares, a formação de suas capacidades e habilidades cognitivas e operativas e, com isso, o desenvolvimento da consciência crítica.

Logo, o recurso didático e pedagógico, enquanto base para um ensino crítico, pode colaborar para reflexões e atitudes capazes de modificar realidades sociais de gênero, de silenciamentos dos homens, de censuras impostas pelo patriarcalismo, e, de entendimento que a masculinidade não é o patriarcado, o patriarcado é um sistema que também oprime os homens e que por isso, precisamos lutar por uma masculinidade liberta desse sistema de aprisionamento e de privilégios, que busque a igualdade de gênero como sistema ecologicamente sustentável para as relações humanas.

O documentário, como ferramenta de recurso pedagógico, também se configura como uma forma de material estético, uma manifestação artística, um olhar para o mundo que ajuda na sensibilização a partir do momento que ele toca os corações dos educandos, abordando questões ético-morais existentes em nossa sociedade e, que as vezes são invisibilizadas, no mais, não é um produto mercantilizado pelo mercado cinematográfico, ou seja, não está disponível nos cinemas, nem todo mundo conhece ou já ouviu falar, por isso, levar este recurso para o espaço escolar é uma forma de fazer circular narrativas sensíveis para o

entendimento do que é ser homem, suas relações de autocuidado, paternidade, trabalho, relações afetivas etc.

Vale ressaltar que para trabalhar com este recurso, de forma exitosa nas escolas, é necessário um bom planejamento e, pensar, claro, na interação professor-alunos no sentido de haver confiança na proposta do professor que deve ser clara com um recurso que visa a reflexão sobre o que significa ser homem nos dias de hoje. Isso também implica trabalhar a educação sexual na escola, as falhas do masculino e a busca de homens mais justos que buscam questionar e lutar contra a própria ordem de gênero, que, para Jablonka (2021, p.28): “é aquilo que, numa sociedade, lembra cada um e cada uma de suas obrigações em função do sexo”.

A partir do recurso em questão, é possível explorar em sala de aula, questões de gênero e empatia entre a turma, promovendo reflexões críticas sobre a masculinidade e suas implicações no meio social. Trabalhar com o documentário pode ser uma experiência rica e reflexiva, já que este provoca discussões sobre o conhecimento de masculinidade e os estereótipos impostos, permitindo que os alunos reflitam como essas normas criadas implicam na vida masculina. Em suma, as narrativas viscerais são potentes para que os estudantes possam refletir sobre os dilemas, as necessidades e questionamentos dos homens na busca por se tornarem cidadãos conscientes, igualitários e empáticos, promovendo ainda uma cultura de respeito e igualdade, mostrando que não tem nada de errado buscar ajuda, falar sobre as dores e os traumas muitas vezes traduzidos como fraqueza. O recurso pode servir como ponto de partida para que garotos e garotas, homens e mulheres possam se enxergar enquanto sujeitos em construção, sobre suas próprias narrativas sobre o machismo, sobre os homens.

Conclusão

Mas afinal, o que os homens estão escondendo atrás de tantos silêncios? O documentário oferece respostas e reflexões profundas sobre como a masculinidade é construída-fabricada na nossa sociedade. Os grupos reflexivos de homens têm um papel fundamental em instigar homens no ato de repensar seu próprio processo de construção da identidade masculina mostrando assim as camadas históricas de rituais, códigos, linguagens e símbolos presentes na ideia do que é ser homem. Concordamos com Bola (2020) quando este

diz que todo homem deve ter um diário para escrever seus sentimentos, emoções, afinal, não podemos pensar os parceiros e parceiras como terapeutas, ou seja, os grupos de apoio aos homens fazem toda a diferença nesse processo de repensar a masculinidade de dominação.

O recurso fílmico chama a atenção do público sobre como é preciso construir uma sociedade onde todos possam expressar seus sentimentos sem julgamento. Através de sua narrativa, o documentário abre espaço sobre as discussões de vulnerabilidade, saúde mental, depressão, silenciamento e a pressão social que afetam os homens, já que foram criados para não serem “fracos”, a performance de força e potência sempre foram demarcadores da identidade masculina dominante.

Discutir esse tema em sala de aula, com base em um recurso potente como O Silêncio dos Homens, é uma maneira de fomentar um ambiente educativo que valorize as questões de empatia quando se trata da questão de gênero, principalmente em rever os estereótipos criados sobre como ser homem na sociedade, desafiando os alunos a refletir em como respeitar as experiências emocionais dos outros, formando indivíduos mais críticos capazes de promover mudanças positivas em seu meio social, em um mundo onde as questões de gêneros são vistas de formas já impostas. Além disso ao tratar do assunto no ambiente escolar, faz com que meninos se sintam acolhidos, mostrando que está tudo bem em expressar seus sentimentos, que buscar ajuda não é sinal de fraqueza, normalizando o diálogo sobre sentimentos.

É possível até pensar em meninos se organizando para formar grupo de garotos reflexivos sobre a masculinidade dentro das escolas, podendo assim, compreender essa megaestrutura de pensamento que é o patriarcado e que também trás consequências negativas para os homens, os próprios meninos podem buscar as referências saudáveis para compreender o que é ser homem nos dias de hoje, e, claro, sem que esse processo ocorra alijado da presença e participação das meninas.

Sob este viés, ao falarmos sobre gênero na escola, estamos enriquecendo a formação dos alunos e contribuindo para a construção de uma cultura de respeito e igualdade. Cada vez que validamos as emoções de nossos colegas, independentemente do gênero, estamos promovendo um ambiente onde todos podem se sentir ouvidos e respeitados. Isso é vital para o desenvolvimento de relações interpessoais saudáveis e para formar cidadãos conscientes que estejam prontos para agir contra as desigualdades sociais.

Referências

BARDUNI FILHO, Jairo. **Poetas, agrícolas, boêmios, esportistas, delicados: um jogo de masculinidades**. 1º ed. Curitiba. Appris, 2018.

BOLA, J. J. **Seja Homem: a masculinidade desmascarada**. Trad. Rafael Spuldar. 2º ed. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

Documentário: O silêncio dos homens. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE&list=PLV8siqRMVJ2aIgHcbaNPimU8Z8omJDpGN&index=1&t=347s>>. Acesso em: 24 de jul. de 2024.

FONSECA, J. J. S. da; MORAES, A. M. da. **Metodologia da Pesquisa Científica**. 1. Ed. Sobral, 2017. Cap. 1, p. 20-29. 2017. Disponível em:
<https://dirin.s3.amazonaws.com/drive_materias/1649850285.pdf> Acesso em 08/08/2024>.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 20º ed. Editora. Graal. 2010.

JABLONKA, Ivan. **Homens Justos: Do patriarcado às novas masculinidades**. Tradução: Júlia da Rosa Simões. 1º ed. São Paulo. Todavia, 2021.

LIBÃNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo. Ed. Cortez, 1994.

NASCIMENTO, VALADARES; Guilherme. Assistam o nosso documentário “O silêncio dos homens” na íntegra, 2019. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/o-silencio-dos-homens-documentario-completo/>>. Acesso em 24 de julho de 2024.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim** / Robert K. Yin; tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Dirceu da Silva. – Porto Alegre: Penso, 2016. XXII, 313 p.: il.;

Recebido em: **12/09/2024**

Aprovado em: **21/10/2024**